

INFÂNCIAS EM TEMPOS DISTÓPICOS: O QUE PODE A PSICANÁLISE?





COLEÇÃO
PSICANÁLISE DA
CRIANÇA

INFÂNCIAS EM TEMPOS DISTÓPICOS: O QUE PODE A PSICANÁLISE?

Angela Baptista
Bianca Lima
Daniela Teperman
Graciela Crespín
Larissa Ornellas
Leda Fischer Bernardino (org.)
Lia Batista
Luiz Mena
Maria Cristina Kupfer
Mariana Caribé Pinho
Maria Alice Ferreira Leal
Maribél de Salles de Melo
Marie Christine Laznik
Marta Pedó
Natasha Jerusalinsky
Rinaldo Voltolini
Rosely Melgaço
Sande Magaly
Sara Figuerêdo
Severina Silvia Ferreira



ágalma

© *Ágalma* para a língua portuguesa, 2022

1ª edição: outubro, 2022

Editor

Marcus do Rio Teixeira

Diretora da Coleção

Angela Baptista

Projeto gráfico da capa e primeiras páginas

Homem de Melo & Troia Design

Revisão

Solange Mendes da Fonsêca

Editoração eletrônica

Jotabele Informática

Depósito legal

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Av. Anita Garibaldi, 1815

Centro Médico Empresarial, Bloco B, sala 401

40170-130 Salvador-Bahia, Brasil

Tels: (71) 3245-7883 (71) 3332-8776

✉ agalma@agalma.com.br 🌐 www.agalma.com.br

📷 [agalmabebesecrianças](https://www.instagram.com/agalmabebesecrianças)

Todos os direitos reservados

ágalma

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Infância em tempos distópicos : o que pode a
psicanálise? / organização Leda Mariza Fischer
Bernardino. -- 1. ed. -- Salvador, BA :
Ágalma Psicanálise, 2022.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-86488-10-4

1. Psicanálise I. Bernardino, Leda Mariza
Fischer.

22-128695

CDD-150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise 150.195
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/31

Sumário

Prefácio, 7

Leda Mariza Fischer Bernardino

ARGUMENTOS INICIAIS

A criança sofre d' "A" infância, 15

Rinaldo Voltolini

Desamparo e inexistência, 37

Luiz Mena

A parentalidade e a criação das crianças: novos restos?, 56

Daniela Teperman

Filhos invisíveis e perdidos, 75

Rosely Gazire Melgaço

Sexualidade e gênero: a criança contemporânea entre o desejo e as demandas sociais, 92

Maria Cristina Kupfer

Desamparo em série, 109

Marta Pedó

ARGUMENTOS TEÓRICO-CLÍNICOS

O sofrimento psíquico na primeira infância: nem tudo é autismo, 127

Leda Mariza Fischer Bernardino

Como a pobreza dos movimentos do bebê pode quebrar o ritmo do Outro: o fracasso da primeira organização significativa, 149

Marie-Christine Laznik

A emergência do sujeito em abrigo, 170

Graciela C. Crespim

Desamparo familiar: a importância da escuta psicanalítica dos pais
no trabalho m Estimulação Precoce, 181

Maribél de Salles de Melo

A clínica psicanalítica com bebês sob a lógica do enlaçamento
Real, Simbólico e Imaginário, 201

Severina Sílvia Ferreira

ARGUMENTOS FINAIS

Mal dormir, sintoma de um mundo barulhento: o que podem os
acalantos?, 225

*Angela Baptista, Bianca Lima, Larissa Ornellas, Maria Alice
Ramos Ferreira Leal, Mariana C. Caribé de Araújo Pinho,
Natasha Jerusalinsky, Sande Magaly e Sara Figuerêdo*

Historinhas para (não) dormir, 252

Lia Batista

Prefácio

Leda Mariza Fischer Bernardino

Infância em tempos distópicos é uma formulação que beira o oxímoro, já que a infância pode ser tomada como um tempo de esperança, em radical contraste com a desesperança característica, por definição, da distopia. Mas podemos afirmar, sim, que vivemos tempos difíceis, de oscilação dos valores civilizatórios que norteiam nosso cotidiano. Nesse sentido estamos todos desamparados, nesse mundo que se anuncia sem Outro.

Por isso, o fio condutor deste volume é a questão do desamparo. A pergunta provocadora lançada aos autores no momento do convite à escrita foi: “infância e desamparo, ser criança no século XXI”. Cada qual a respondeu segundo seu estilo, suas experiências, sua clínica.

Desamparo é um conceito psicanalítico, nós o encontramos muito cedo na obra de Freud, no seu *Projeto para uma Psicologia Científica*. Desde então, trata-se de um dos pilares da teoria psicanalítica: é desse desamparo que se originam, segundo Freud,

“os motivos morais”, ou, conforme Lacan, a primazia do Simbólico na essência do homem.

Sendo inerente a nossa condição humana, nossa interrogação incide sobre a contemporaneidade: a infância do século XXI, qual face do desamparo conhece?

O que nos levou a esta questão foram observações clínicas nos últimos anos – enquanto psicanalistas que se ocupam também de crianças –, tanto na mídia em geral como em nossos consultórios, nas escolas onde circulamos, nos debates dos quais participamos. O que percebemos: não só as crianças se apresentam desamparadas, mas também seus adultos de referência. Então nos perguntamos: se o desamparo se apresenta como condição inicial de entrada no Simbólico, ao promover a abertura para o que vem do outro, para que a vida se torne possível, eles próprios, como adultos desamparados, podem tornar a vida viável e transmitir a possibilidade e o prazer de existir apesar da falta de garantias?

Para começar o debate, abrimos o volume na seção 1, dos **ARGUMENTOS INICIAIS** que embasam a discussão, com um artigo de *Rinaldo Voltolini, A criança sofre d’ “A” infância*. O autor aponta o surpreendente paradoxo atual: a promoção da ideia d’ “A” criança a situa em um grande desamparo. Desde a instituição da infância como significante no discurso social até hoje, o que se produziu não foi um incremento no cuidado e na promoção da potência da infância, mas, ao contrário, cada vez mais a criança vê-se diante do desamparo. A tese do autor, fundamental para as discussões deste volume, é de que a discursividade que marca a infância contemporânea – a medicina e a pedagogia – compromete as condições da experiência da criança, ou seja, sua potência.

Segue-se o artigo de *Luiz Mena, Desamparo e inexistência*, que se detém sobre o conceito mesmo de “desamparo” e parte da questão: seria o desamparo contingente ou estrutural? A partir da análise de situações que observa nas famílias contemporâneas e sua relação com o narcisismo, Mena aponta um deslizamento da

perda para o excesso de objetos, para fazer uma ligação entre o desamparo contemporâneo e a inexistência do Outro.

Daniela Teperman, por sua vez, em *A parentalidade e a criação das crianças: novos restos?* chama a atenção para os discursos sobre a parentalidade e sua construção a partir do retorno do recalcado da geração anterior, que conflui na ideia da criança como um lugar central. Aponta a família como resíduo – proposta lacaniana – como o contexto para a interrogação sobre o desejo do Outro... aquilo que resta mostra também o que causa. Em seu artigo, ilustra o desamparo do lado dos pais, que se angustiam com o encontro da criança com a falta.

Rosely Melgaço, em *Filhos invisíveis e perdidos*, inspira-se em dois filmes para propor reflexões sobre a atualidade do desamparo. Seu texto destaca o estatuto de conceito psicanalítico do termo, trazendo uma leitura aprofundada a respeito, tanto na obra de Freud quanto na de Lacan, conversando com os artigos anteriores ao demonstrar a extrema solidão da infância do século XXI.

Maria Cristina Kupfer, em *Sexualidade e gênero: a criança contemporânea entre o desejo e as demandas sociais*, toma um outro viés do desamparo ao analisar uma situação descrita na mídia, na qual aponta a literalidade que impera no cotidiano das crianças atuais, tão pouco respeitadas no seu direito à fantasia como recurso psíquico primordial para lidar com a realidade. Ao mesmo tempo, ilustra os efeitos do discurso social, que instaura uma espécie de negação do inconsciente, presente na ideia de que é possível escolher uma identidade sexual (ou de gênero, como se diz) à qual os pais se submetem, na direção contrária do que poderia ser uma interrogação sobre o desejo dos filhos. Ao destacar que o caso é descrito na mídia e não nos consultórios de psicanalistas – embora muitos aí cheguem – ajuda-nos a sustentar a pergunta: o que pode a psicanálise, hoje, diante de tal concepção de infância?

Marta Pedó, com seu artigo *Desamparo em série*, traça uma série associativa a partir do termo “desamparo” no linguajar comum, para em seguida seriá-lo na obra psicanalítica e destacar seu valor na teoria e na direção do tratamento. Chega então a outra série, desta vez televisiva, *Round Six*, cujo extremo sucesso a faz perguntar: o que diz esta produção sobre nossa cultura atual? Ela chega novamente ao desamparo, desta vez real, dos protagonistas, para então destacar o lugar das telas em nosso cotidiano e, na sequência, o papel da contingência pandêmica neste cenário.

A seção 2 do livro, de **ARGUMENTOS TEÓRICO-CLÍNICOS**, inicia com um texto de minha autoria, *O sofrimento psíquico na primeira infância: nem tudo é autismo*, no qual discuto um ponto bastante comum, no entrelaçamento das demandas de tratamento e do discurso médico atual, da confusão diagnóstica entre autismo e as demais psicopatologias da primeira infância. Enquanto o autismo é diagnosticado em profusão, com critérios muito gerais e inespecíficos, os demais quadros clínicos são quase desconhecidos não só pela população em geral, mas pelos profissionais da área clínica da primeira infância. Mostro como o bebê em situação de desamparo tem como principal defesa psíquica o retraimento relacional, o que requer uma sutileza do clínico ao avaliar as crianças pequenas, para saber a que se refere este sinal de risco e como tratá-lo.

Marie Christine Laznik apresenta, em seu artigo *Como a pobreza dos movimentos do bebê pode quebrar o ritmo do Outro: o fracasso da primeira organização significativa*, os fundamentos de suas reflexões tanto sobre a dor quanto sobre a precariedade de movimentos dos bebês com encaminhamento autístico e suas consequências no laço com o Outro primordial. Faz uma leitura detalhada do texto que, poderíamos dizer, é o ponto de partida para as interrogações deste volume: o *Projeto para uma psicologia científica* de Freud, relido e analisado por Lacan no seminário sobre *A ética*. Com base nesses textos, retoma as questões da dor e dos movimentos e as relaciona com pesquisas atuais, para

apontar como o desamparo real vivido por estes bebês que sofrem fisicamente interfere sobremaneira em suas relações com o mundo. Salienta o papel da abordagem transdisciplinar nesta clínica, em que o médico, o psicanalista e o psicomotricista, ao trabalharem em conjunto, têm uma efetividade na não instauração do quadro autístico.

Graciela Crespin, em seu artigo *A Emergência do Sujeito em Abrigo*, fruto de sua experiência não só com bebês de risco, mas também com a situação de abrigamento, interroga-se sobre as possibilidades de suplência da função parental nesse contexto. Discute as condições para que os profissionais envolvidos no acolhimento e nas ações específicas requeridas diante do desamparo desses filhotes humanos que estão sem seus genitores possam assegurar esta passagem do Outro primordial ao Outro enquanto lugar, de modo a possibilitar o surgimento de um sujeito.

Na sequência, *Maribél de Sales de Melo*, de seu lugar de clínica da primeira infância e especialista em Estimulação Precoce a partir da psicanálise, aborda em *Desamparo familiar: a importância da escuta psicanalítica dos pais no trabalho em Estimulação Precoce* um outro desamparo: o dos pais diante de um bebê que não veio conforme o esperado, do qual não se sentem capazes de cuidar. A autora vai mostrando – através de situações clínicas em que promove a escuta, o olhar e o cuidado com eles – como essas intervenções são fundamentais para o reposicionamento desses pais, com consequências importantes para o tratamento do filho.

Severina Silvia Ferreira fecha esta seção do volume com um artigo esclarecedor sobre a clínica psicanalítica praticada em tempos ditos precoces – A clínica psicanalítica com bebês sob a lógica do enlaçamento Real, Simbólico e Imaginário – em que propõe uma diferenciação – tomando o nó borromeu como dispositivo de leitura – entre, por um lado, o que ela chama de “clínica psicanalítica com bebês” e, por outro, “clínica do

autismo”. Distinção que faz todo o sentido no presente livro, com artigos tanto sobre uma quanto sobre outra clínica. Interessante destacar o lugar diferente que ela propõe para o analista: em um caso, uma posição eminentemente clínica, apoiada em um saber que já está consolidado na teoria e na clínica psicanalíticas sobre os bebês; no caso do autismo – sempre um enigma – o analista toma uma posição, segundo ela, de pesquisador; observação que tem consequências para o lugar de sujeito suposto saber na transferência.

Ao final do volume, na seção 3, **ARGUMENTOS FINAIS**, dois textos se detêm sobre uma função corporal essencial para o entendimento da articulação corpo-linguagem e para a organização significativa no contexto humano: a função do sono. O primeiro texto, *Mal dormir, sintoma de um mundo barulhento: o que podem os acalantos?*, escrito a muitas mãos – *Angela Baptista, Bianca Lima, Larissa Ornellas, Maria Alice Ramos Ferreira Leal, Mariana C. Caribé de Araújo Pinho, Natasha Jerusalinsky, Sande Magaly e Sara Figuerêdo* –, faz uma articulação entre a dificuldade de dormir – hoje um problema que acomete uma parte expressiva da população –, a velocidade e as exigências do mundo contemporâneo. As autoras abordam o acalanto e as cantigas de ninar como importantes recursos no laço pais-bebê, para acompanhar o filhote humano em seus momentos de enfrentar o desamparo inerente ao fechar os olhos e se distanciar do outro.

O segundo texto, *Historinhas para (não) dormir*, de Lia Batista, traz um exemplo clínico emocionante, em que a escuta psicanalítica permite, nas sessões da criança que sofre por não conseguir dormir, uma elaboração de sua situação de desamparo neonatal vivida como traumatizante.

Como se pode perceber, a partir do fio condutor “desamparo”, os vários autores que responderam ao nosso convite acabaram demonstrando – seja por vias teóricas, seja por vias clínicas – o que pode a psicanálise diante da infância nesses tempos distópicos!